

Observe! Vai ver que encontra.

In: "Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem"/IIE
Lisboa: IIE, 1994

Todos os dias, nas escolas, propomos aos nossos alunos a realização de diversas actividades, realçamos a importância de determinados comportamentos e promovemos o desenvolvimento de certas atitudes.

Muitos destes aspectos constituem, no actual ensino básico, objectivos gerais e essenciais que devem ser desenvolvidos em cada um dos ciclos de ensino, ao longo da escolaridade obrigatória de nove anos.

Os problemas que têm surgido não questionam a importância destes aspectos, sempre presentes em todas as actividades escolares, apenas reflectem uma grande preocupação em relação ao "como" ensinar e avaliar estes domínios do currículo.

Na realidade, só é possível desenvolver certos comportamentos e atitudes nos alunos se primeiro soubermos quais os que lhes são característicos para depois se promoverem os que se pretendem. Isto é possível através de um acompanhamento cuidadoso, o mesmo será dizer, numa avaliação dos percursos e das aprendizagens que eles vão realizando.

É a este nível que se colocam as questões de saber, por exemplo, como avaliar a participação de cada aluno no trabalho de grupo, a sua capacidade de iniciativa ou o seu respeito pelos colegas. Na maior parte dos casos, estes e outros exemplos referidos no Quadro I, são avaliados com base nas nossas impressões subjectivas. Tal não é suficiente nem rigoroso devido, principalmente, a duas razões: o efeito de halo e o erro de generosidade.

Domínios	Comportamentos significativos
Competências	Leitura oral, desempenho na realização do trabalho experimental, etc.
Hábitos de estudo instrumentos e de trabalho	Organização, gestão do tempo, utilização correcta de e de recursos, iniciativa, criatividade, persistência, etc.
Atitudes	Respeito pelos outros e pela propriedade de cada um, solidariedade, estabilidade emocional, adaptação social, reacção à autoridade, autoconfiança, etc.
Interesses	Pesquisa de informação específica, interesse em relação a várias actividades científicas, sociais e vocacionais, etc.
Valores e juízos	Em relação ao património natural e cultural, ao papel do cidadão como consumidor, etc.

Quadro I Exemplos de comportamentos observáveis

O primeiro consiste na tendência de o avaliador, ao reconhecer que o aluno possui determinada característica, generalizar para todas as outras. Quando, por exemplo, reconhecemos que um aluno é muito irrequieto e está sempre a gerar conflitos, a nossa avaliação sobre as suas aprendizagens é influenciada por esta sensação inicial. O segundo evidencia-se quando o avaliador é bastante generoso para os trabalhos de todos e de cada um. Este erro traduz-se numa avaliação muito positiva de todos os alunos da turma, sem existir uma discriminação dos níveis de qualidade. Deste modo, é difícil detectar diferenças que possibilitem apoiar os alunos com dificuldades.

Como é evidente, as impressões gerais não são tão rigorosas como as avaliações mais sistematizadas e por isso necessitamos de estruturar a avaliação informal de modo a recolhermos informações sobre os processos e os produtos da aprendizagem considerados essenciais e que não podem ser directamente avaliados por testes de papel e lápis.

Os testes têm desempenhado um papel relevante a nível da avaliação não só porque permitem recolher informação com maior objectividade, mas também porque constituem instrumentos adequados para avaliar áreas do domínio cognitivo que sempre foram predominantes nos *curricula*. Como actualmente se pretende ensinar, e conseqüentemente avaliar, um amplo espectro de capacidades, atitudes e conhecimentos, torna-se necessário recorrer a outras técnicas de avaliação mais adequadas. Segundo Gronlund e Linn (1990)

“A observação directa é o melhor meio que possuímos para avaliar alguns aspectos da aprendizagem,... e possibilita informação suplementar acerca dos outros. O problema é... como obter um registo objectivo dos comportamentos mais significativos?”(p. 375).

A observação, técnica utilizada por todos nós ainda que de forma pouco sistemática, permite a recolha de informação sobre o modo como os alunos vão desempenhando as suas tarefas, as competências e as atitudes desenvolvidas, enquanto decorre o processo de ensino-aprendizagem. Por ser de todas as técnicas aquela onde a avaliação se encontra mais integrada no ensino, não provoca nos professores e nos alunos, a ansiedade característica das avaliações formais. Além disso a sua natureza é essencialmente formativa uma vez que o professor pode sempre intervir orientando o aluno em situações difíceis.

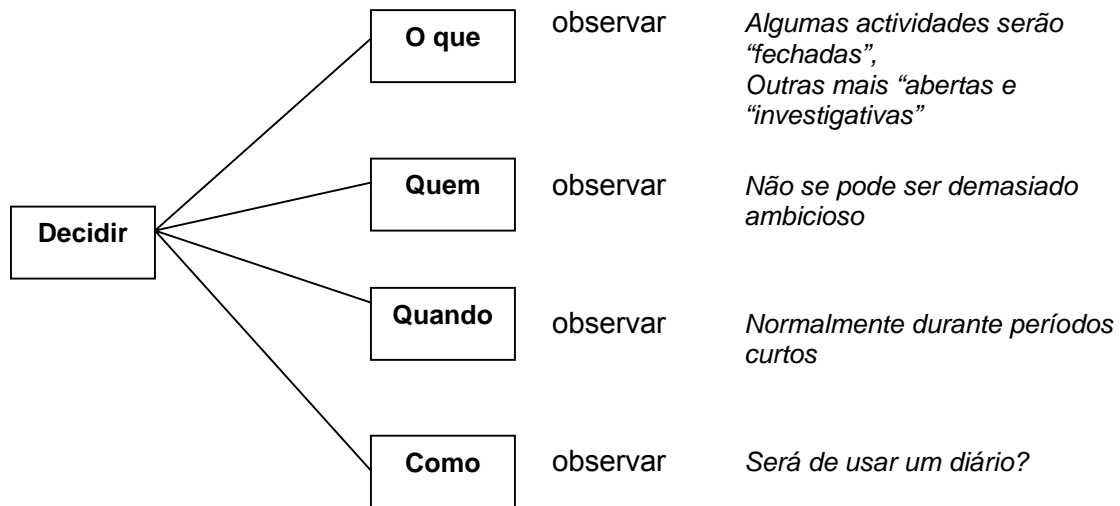
As informações recolhidas através da observação permitem a identificação das dificuldades dos alunos e a resposta às necessidades de cada um, através de uma planificação de actividades que contemple formas de apoio adequadas e o uso de uma pedagogia diferenciada.

A observação, quando cuidadosamente estruturada, permite a recolha de **evidências** das aprendizagens e garante a qualidade e correcção das avaliações desde que ocorra com certa frequência e em contextos diferentes.

A observação é uma técnica muito flexível e abrangente na medida em que nos permite avaliar um aluno ou um grupo de alunos de qualquer nível de ensino ou grupo etário. No entanto, para evitar a desmotivação causada pelas dificuldades de registo das observações, é aconselhável definir um pequeno número de critérios para cada aluno e/ou situação no sentido de facilitar essa tarefa.

Como é impossível ensinar e observar de forma útil e rigorosa todos os alunos de uma turma em simultâneo e também como os instrumentos que temos de construir nos consomem muito tempo, devemos ter em atenção alguns aspectos antes de iniciarmos

uma observação. O esquema seguinte dá-nos algumas indicações importantes que podem ser consideradas no desenvolvimento de um procedimento sistemático de observação.



O que importa é ter sempre presente o **princípio básico** de DEFINIR «ALVOS» PRÁTICOS, REALISTAS E REALIZÁVEIS

SUGESTÕES PARA ESTRUTURAR UMA OBSERVAÇÃO

- . Definir os objectivos fundamentais.
- . Identificar os alunos a observar (2 ou 3).
A título de exemplo sugerimos a selecção de alunos que foram propostos a uma avaliação sumativa extraordinária ou que estão integrados em programas de apoio e complemento educativos. Deste modo poderemos obter informações que nos permitam tomar decisões com maior correcção e segurança.
- . Decidir se a observação é a única forma de avaliar o que se pretende ou se vai ser usada para confirmar outras formas de avaliar.
- . Estar familiarizado com a tarefa que se pretende avaliar.
- . Decidir previamente qual o critério de avaliação a utilizar.
- . Construir um instrumento que facilite o registo do que é observado. Considerar sempre um espaço para comentários do professor que poderão esclarecer a situação ou a avaliação realizada.
- . Formular as possíveis respostas com base no conhecimento da tarefa e dos alunos.
- . Decidir se a avaliação do desenvolvimento da tarefa se fará com ou sem a intervenção do professor.
- . Definir o grau de envolvimento dos alunos na avaliação.

. Recolher a informação de forma útil, isto é, ver o seu potencial informativo, a possibilidade de indicar os futuros percursos do processo de ensino-aprendizagem,

.Verificar, se se tratar de uma forma complementar de outro método de avaliação, se há disparidades na informação recolhida pelos dois métodos e saber qual a natureza dessa diferença.

.Pensar no tipo de trabalho que os outros elementos da turma devem realizar enquanto se foca a observação num número reduzido de alunos ou num grupo.

.Preparar-se para a eventualidade de ter de registar comportamentos não definidos previamente que, devido à sua relevância, não devem ser descurados.

Problemas que surgem durante a observação estruturada.

.A observação pode ser perturbada por outros acontecimentos da sala de aula.

.Inicialmente é difícil definir o que é um comportamento significativo.

Muitas vezes conseguimos ultrapassar estas dificuldades quando este trabalho se faz em grupo quer a nível disciplinar quer a nível do conselho de turma.

.Exige esforço e tempo a nível da planificação e do registo.

.Os alunos alheiam-se facilmente das tarefas por momentos significativos e têm períodos de concentração muito curtos.

.O desempenho das tarefas é bastante influenciado pela confiança que os alunos têm em si próprios.

.O comportamento do aluno é muito influenciado pelas percepções que ele tem das situações em que se encontra.

.A dimensão do grupo é importante e influencia o modo como são realizadas as tarefas ou actividades.

.Os alunos nem sempre planificam os seus trabalhos da melhor forma.

Questões que podem ajudar-nos a aperfeiçoar a nossa capacidade de observação:

O que é que

- . os alunos de facto fizeram?
- . eu esperava que os alunos fizessem?
- . os alunos aprenderam?
- . eu aprendi?
- . planeei para fazer a seguir com os alunos?
- . os alunos dizem acerca da sua aprendizagem?

Formuladas
em termos
dos objectivos
definidos

SUGESTÃO DE ACTIVIDADE

Analise e discuta com os colegas do grupo disciplinar as principais vantagens da observação no âmbito da sua disciplina.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Emery, H., Saunders, N., Dann, R., Murphy, R., Pack, M. (s.d.) *Topics in Assessment: 5: Classroom Observation*. London: Longman.

Gronlund, N. e Linn, R. (1990). *Measurement and evaluation in teaching*. New York: Macmillan Publishing Company.

Lemos, V., Neves, A., Campos, C., Conceição, J., Alaiz, V. (1992). *A nova avaliação da aprendizagem : O direito ao sucesso*. Lisboa: Texto Editora.

Lemos, V. (1989). *O critério do sucesso*. Lisboa: Texto Editora.

Ribeiro, L. C. (1990). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto editora

Coordenador do Projecto: Domingos Fernandes

Autores: Anabela Neves, Cristina Campos, Domingos Fernandes, José M. Conceição, Vítor Alaiz. Lisboa: Texto Editora.